



Associativismo e mobilização social nas comunidades de Fundo de Pasto *Associativism and social mobilization in the communities of Fundo de Pasto*

SOUZA, Judenilton Oliveira dos Santos¹⁻¹; SOUZA, Davy Lima de²⁻³; SANTOS, Novais, Júlio César²⁻⁴.

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA¹, nilton@irpaa.org¹; Universidade do Estado da Bahia – UNEB², davysouza777@gmail.com³; julionovais.santos@gmail.com⁴.

Tema gerador: Terra, território, ancestralidade e justiça ambientais.

Resumo: As comunidades tradicionais de Fundo de Pasto vivenciam o dilema da sustentabilidade do modo de vida tradicional, em diversos aspectos. As comunidades referidas neste trabalho se encontram no Território Sertão do São Francisco (TSSF), região norte da Bahia. O objetivo foi discutir sobre a organização social das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, sendo um dos instrumentos o associativismo. A referência nas comunidades é mais forte entre as lideranças. Porém essas lideranças nem sempre tem uma relação direta com a associação. É preciso fortalecer o associativismo, mas sem perder de vista as relações internas que existem historicamente nas comunidades e potencializar outras relações que contribuem para o fortalecimento da organização social.

Palavras-Chave: Organização social; Território; Associação.

Keywords: Social organization; Territory; Association.

Contexto

As comunidades tradicionais de Fundo de Pasto vivenciam o dilema da sustentabilidade do modo de vida tradicional, nos diversos aspectos, desde a preservação da caatinga, geração de renda, individual ao comunitário, descrença nos projetos e programas governamentais, permanência dos jovens no campo, ameaças das empresas de energia eólica, mineradoras, grileiros, latifundiários, agronegócio, hidronegócio, e o próprio Estado, que não garante o direito à terra e território das comunidades tradicionais.

É preciso compreender o contexto em que a comunidade se encontra, para perceber como a vida social se organiza. Na diversidade de interesses, visão de mundo, percepções, angústias e desejos de cada pessoa, o fortalecimento da organização social assegura o objetivo comum - a defesa da vida - desde os aspectos, ambientais/ecológicos, culturais/religiosos, sociais/gênero, econômicos/solidário, contribuindo para uma vida digna com paz e justiça social.

As comunidades referidas neste trabalho se encontram no Território Sertão do São Francisco, norte da Bahia. O trabalho foi realizado no ano de 2018, seu principal objetivo foi discutir o associativismo como instrumento para a organização social das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto.

Descrição da Experiência

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Metodologia

Foi aplicado um questionário nas comunidades; realizaram-se formações sobre associativismo e reunião para constituir, reativar e atualizar o estatuto das associações.

O trabalho do IRPAA-Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, tem como referência a metodologia VER, JULGAR e AGIR, que compreende as famílias como protagonistas da ação, partindo do interesse da comunidade.

As primeiras associações formais nas comunidades tradicionais de Fundo de Pasto surgiram nas décadas de 1970 e 1980, com objetivo de regularizar as terras coletivas, reforçando a luta pelos seus direitos e interesses no âmbito da institucionalidade.

Atualmente, observam-se associações inativas, sem representatividade, desativadas por falta de gestão adequada e comunidades com duas ou mais associações criadas principalmente para acessar políticas públicas. Segundo Santos, (2015, p.15), “O papel do extensionista exige que contribuamos para a criação e o fortalecimento de associações rurais [...]. Porém, o que mais se observa é o surgimento de associações frágeis que em poucos anos se desfazem”.

As comunidades em geral, alcançam maior visibilidade perante os órgãos públicos e privados quando têm uma associação ativa e que representa seus associados/as. Porém, há alguns desafios na gestão, dentre eles: manutenção de todos os documentos em dias e necessidade do extensionista para informar e orientar sobre as questões burocráticas. Sendo fatores que inviabilizam a criação ou dificultam o dia-a-dia das associações.

Muitas comunidades compreendem a importância da associação para a organização social. No entanto, tem dificuldades para encontrar pessoas dispostas a fazer parte da coordenação (diretoria), razão pela qual as associações ficam inativas. Por outro lado, muitas comunidades onde são criadas/reactivadas as associações, as mulheres têm assumido a coordenação revelando sua autonomia nos espaços de decisão. Analisando as atas das eleições das associações criadas há mais de dez anos, em sua maioria, chama a atenção que o nome das mulheres aparece apenas como secretaria. A igualdade de gênero ainda é um fator decisivo no fortalecimento do associativismo.

Comumente, a comunidade com uma organização social forte e maior mobilização para defender os seus interesses e direitos, são aquelas onde as associações tem uma administração que luta para alcançar os objetivos estabelecidos e com sócios atuantes. “Sem a associação não vai para lugar algum; a associação é uma maneira de organizar a comunidade; os projetos que conquistamos foram através da associação; a associação é um meio de ajuntar as comunidades”. Essas são falas



de pessoas das comunidades rurais e que estão envolvidas no associativismo. Desse modo, a associação canaliza os diversos interesses de cada um, para o alcance do objetivo maior que é proporcionar meios que garantam a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Segundo Canterle (2004, p. 8), conforme citado por Leonello e Cosac (2007, p. 5), a “[..] problemática está em captar as contradições e organizar as pessoas [...] em torno de interesses comuns, dando atendimento às suas necessidades coletivas e individuais”.

O que é interesse particular e interesse coletivo? “As pessoas só vêm para a reunião quando é interesse particular, quando é interesse da comunidade não participam”, esta afirmação é comum em muitas associações. Há relatos que a associação acabou depois que recebeu um trator, ou seja, não houve gestão que utilizasse este benefício para potencializar a organização comunitária. Outro relato aponta que há participação na associação só quando traz benefício. Nesta dialética, Santos (2015), enfatiza que “um grande desafio é como potencializar o capital comunitário, para gerenciar a infraestrutura e as benfeitorias que a associação traz para a comunidade?” (Santos. 2015, p.56).

Como as associações se mantêm em dias sem ter recursos para assumir as despesas? Aqui está uma questão central para as associações, que precisam cumprir com as obrigações, mas não tem sustentabilidade financeira. Na dialética entre o interesse individual e o coletivo, a associação em geral não tem um caixa que lhe dê autonomia para assumir com suas obrigações, não há um sentimento de pertencimento por parte da comunidade. Para muitos sócios é um sobrecarga cumprir com seu dever de contribuir com a mensalidade.

Nas comunidades existem as lideranças formais e informais. As formais são constituídas a partir das associações, muitas vezes surgindo se contrapondo às lideranças informais, oriunda de outros tipos de vínculos, sejam os laços históricos, consanguíneos, culturais, de vizinhança, ou de proximidade. Essas lideranças formais, muitas vezes, não adquirem legitimidade dentro da comunidade, e não conseguem representar os interesses e tampouco o respeito dos sócios, motivando muitas divisões e afastamento das pessoas da associação nas comunidades.

Resultados

As reuniões da associação são espaços de encontros, debate dos problemas da comunidade, compartilhar preocupações, angústias, obter informações, unir forças procurando o bem comum. “A permanência e não fechamento da escola na comunidade, foi graças à luta através da associação”, afirma sócia da comunidade de Frade, município de Curaçá.

Quando questionados no que é preciso avançar, observa-se que há uma carência de reunião para discutir pautas importantes nas comunidades, em geral a participação dos/das sócios/as é maior quando tem algum benefício para os



mesmos, e há sempre a perspectiva de que é preciso buscar projetos que possam contribuir com o desenvolvimento das comunidades.

Contudo, diversas conquistas se devem às associações, dentre estas: poço artesiano, cisterna de consumo e produção, tratores, projetos de ATER-Assessoria Técnica e Extensão Rural, acesso à energia elétrica, máquinas forrageiras, agroindústria, comercialização de produtos em feiras e mercados institucionais, capacitações, etc. Porém, há muitos desafios, como infraestruturas que facilite o acesso às comunidades, ausência de agente de saúde, escola, dificuldade de acesso à água, como também a luta pelos direitos que historicamente foram retirados das famílias, por exemplo, o acesso à educação contextualizada, água de qualidade, valorização dos diversos produtos das comunidades e principalmente a garantia do território em tamanho apropriado ao semiárido.

Nas comunidades tradicionais de Fundo de Pasto em geral, a referência é mais forte entre as lideranças. Porém essas lideranças nem sempre tem uma relação direta com a associação. Enfim, as ações da associação são sempre de fora para dentro, uma ponte entre os de fora da comunidade, e os de dentro. Observa-se que as pessoas na comunidade não têm referências na associação quando se trata de resolver questões internas das famílias, por exemplo, brigas, disputas, desacordos, individualismo, desinteresse, etc.

É preciso que as associações das diversas comunidades atuem em rede, a exemplo das centrais ou comitês de associações, união das associações, etc.

O maior desafio está na construção de redes que potencializem o capital social destas comunidades na luta pelos seus direitos. Neste aspecto, o capital social é entendido como um dos elementos da organização social tais como a confiança, cooperação, associativismo, redes que estabelece relações de reciprocidade, ativadas por confiança social, voluntarismo, valores e normas (BISPO, 2010).

Deve-se levar em conta que o associativismo é um modelo europeu de organização social e não tem enraizamento cultural nas comunidades tradicionais de Fundo de Pasto. Portanto é preciso fortalecer o associativismo, mas sem perder de vista as relações internas que existem historicamente nas comunidades (organizações informais) e potencializar estas relações, a exemplo dos grupos na igreja, festividades, mutirões, compadrio, futebol, enfim, todas estas relações que contribuem para o fortalecimento da organização social.

Referências bibliográficas

BISPO, R. S. Capital Social e Desenvolvimento Rural: Acesso, Uso e Gestão da água nos Territórios Rurais do Sertão do São Francisco. Tese (Pós-graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Sistemas Agroalimentares



LEONELLO, J. C. e Cosac, C. M. D. **O associativismo como alternativa de desenvolvimento local e sustentabilidade social** (2007). Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/joacarlosleonelloeclaudiamariadahercosac.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

SANTOS, J. M. **O CAPITAL SOCIAL E A SOLIDARIEDADE: BASES DO ASSOCIATIVISMO NAS COMUNIDADES RURAIS EM JUAZEIRO/BA.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em metodologias participativas aplicadas à pesquisa, assistência técnica e extensão rural) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro – BA. 2015.